

Schmitt, Jean-Claude, *Penser par figure. Du compas divin aux diagrammes magiques*, Les Éditions Arkhé, Paris 2019; 192 pp.; ISBN 978-2-918682-45-5.

De entre a nomenclatura comumente usada de desenhos, esquemas, gráficos, diagramas, imagens, etc., Jean-Claude Schmitt opta, nesta obra, por privilegiar as figuras, o seu estatuto e *agir*, mostrando como «acompanham e manifestam operações de pensamento» (p. 13). A figura é «uma das formas possíveis de mediação e de realização do pensamento» (p. 13), entre a ideia a começar a ser pensada e a sua inscrição definitiva num suporte material qualquer. Uma figura «não pretende *representar* o real (...) mas visualizar os seus princípios dinâmicos» (p. 15). A utilização do desenho ajuda no exercício do pensamento, estruturando-o, clarificando, promovendo mais facilmente a memorização, e poderá servir fins pedagógicos, científicos ou retóricos. Desde a Idade Média que o seu uso passou a ser mais notório – principalmente a partir do século XII – e o autor levanta mesmo a possibilidade da explicação encontrar-se na cultura cristã ter impulsionado a abstração visual (pp. 22-23). As escolas monásticas, canónicas e a universidade contribuiriam para a difusão de diagramas. Os quais, juntamente com figuras que aparecem em textos medievais, promovem a meditação, contemplação e rememoração (p. 26). O termo «figura» traz a marca de medievalidade, com o termo latino *figura*, que se distingue de *imago* em significado, sendo o primeiro mais relacional e o segundo mais representacional (p. 28).

No primeiro capítulo do livro, o autor debruça-se sobre as relações entre as figuras e as imagens; o segundo capítulo foca-se na forma geométrica da figura; o terceiro capítulo apresenta tipos de figuras a partir da obra *Liber floridus* de Lambert de Saint-Omer; o quarto capítulo trata das relações entre a figura e a escrita.

Na história da civilização, os séculos XII e XIII mostram «uma verdadeira explosão de imagens sob todas as formas» (p. 33), como uma técnica intelectual ao serviço da relação entre o visível e o inteligível, tanto com a sua presença nas igrejas como nos manuscritos, com grande enfoque na literatura didática e moral, nomeadamente pelo recurso a listas, como passa a ser recorrente, por exemplo, na «árvore dos vícios».

As imagens medievais tendiam a assumir formas geométricas e é interessante constatar que, sobretudo a partir do século XII, surgiram muitas imagens do compasso, nomeadamente a de Deus criando o mundo. Percebe-se que o pensamento que se materializava nas imagens assumia a atração pela simetria, as medidas, o número, as proporções, as apresentações em círculos, a ordem, as linhas... Os diagramas cosmológicos ocupam também um papel de destaque no pensamento figurativo medieval. A figura medieval pretende imitar aquilo que ela procura representar, notando-se o interesse pela analogia. Aliás, conforme sustenta Jean-Claude Schmitt, a cultura medieval é «uma cultura de associação, da analogia, da *concordia*, da *convenientia*, da *similitudo*» (p. 102). Nos séculos XII e XIII, o carácter geométrico e icónico das figuras é o que mais se evidencia. Quanto aos séculos XIV e XV, continuam a estar bastante presentes os «diagramas científicos, astronómicos, astrológicos, musicais (...). Mas o período caracteriza-se mais pelas inovações gráficas e semânticas» (p. 94). Aparecem novos tipos de figuras, as representações do mundo começam a sofrer alterações significativas, com as experiências dos marinheiros, mercadores, viajantes, peregrinos, as cruzadas, a ficarem impressas em cartas e mapas *mundi*. Do simbolismo dos séculos anteriores, no qual a forma circular impera, passa-se para algum realismo, embora alguns dados geográficos sejam antropofornizados.

O *Liber floridus* de Lambert de Saint-Omer mostra bem o uso de figuras no pensamento medieval e relativamente a diferentes áreas do saber, e Jean-Claude Schmitt apresenta as características das figuras que nele constam, a saber: (1) associam e colocam em correspondência informações heterogéneas (p. 102); (2) figuras híbridas, compostas de imagem e texto que as envolvem (p. 103); (3) assumem funções cognitivas («colocam em relação conhecimentos, para produzir nos olhos do espectador ou do eventual leitor o resumo sintético de um saber compos-

to») e performativas («devem (...) produzir um efeito, por exemplo, influenciar o comportamento moral do leitor/espectador ou mesmo, em certos casos, oferecer uma técnica de divinação e guiar uma ação de tipo mágico»; pp. 107-108); (4) figuras estáticas e figuras dinâmicas (relativamente a estas últimas, o leitor terá de realizar um determinado tipo de movimento – orientado pela lógica das figuras – com os olhos ou dedo para acompanhar o seu sentido; p. 109); (5) outras figuras geométricas (p. 114); e, por último, (6) as figuras vegetalizadas (p. 117).

O livro aborda ainda as dinâmicas existentes entre figura, imagem e escrita, o modo como se entrecruzam, o que elas exigem e proporcionam aos actores da comunicação, o escritor/desenhador e o leitor. Depois de uma longa exposição das dialéticas existentes entre elas, o autor apresenta, nas páginas 142 e 143, uma síntese: «Uma figura (*figura*) é uma forma móvel, consistindo num esquema geométrico incluindo na quase-totalidade casos de elementos iconográficos (*imago*) e escriturais (*scriptura*). As suas funções são muito variadas (...). Em todos os casos, a figura visa a uma eficácia (...). A *figura* mediatiza o pensamento e inscreve-o na materialidade do suporte. (...)».

Por fim, a obra apresenta em anexo a lista dos manuscritos estudados, a análise sumária das suas figuras, um glossário, uma tabela das ilustrações, um index e notas.

A leitura deste livro de Jean-Claude Schmitt é fundamental para a compreensão da temática da conceptualização da figura (imagem-texto) e as possíveis «ações» que a figura origina, proporcionando ainda uma agradável introdução à cultura figurativa medieval, pelo acompanhamento da análise abrangente e cuidada que o autor faz com maior detalhe de algumas obras figuradas. Um livro excelente, escrito por um dos maiores historiadores franceses.

Lídia Queiroz
(Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)